



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

PARA QUE ESTUDAR NA UNIVERSIDADE AFINAL?

ANA MARIA FREITAS TEIXEIRA

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Resumo: O artigo trata de alguns aspectos que resultaram de pesquisa ampliada sobre o processo de implantação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) que se concretizou em setembro de 2014. A pesquisa foi desenvolvida junto a alunos do 3º ano do ensino médio da rede pública do sul e extremo sul da Bahia, raio de atuação dessa nova instituição de ensino superior mediante a aplicação de questionários. O objetivo está em identificar se esses alunos estariam mobilizados a ingressar numa universidade e quais seriam os objetivos perseguidos frente a possibilidade de dar continuidade a escolarização para além da educação básica. Palavras chave: Ensino Médio, Ensino Superior; Democratização. **Résumé:** L'article traite de quelques aspects d'une recherche menée sur le processus d'implantation de l'Université fédérale du Sud de Bahia (UFSB) qui s'est concrétisé en septembre 2014. La recherche s'est déroulée à l'aide de questionnaires passés auprès des élèves de 3ème année d'enseignement secondaire public du Sud de Bahia, concernant l'arrivée de cette nouvelle institution d'enseignement supérieur. L'objectif de cette enquête était de savoir si ces élèves étaient désireux d'entrer dans cette université et quels seraient leurs objectifs face à cette possibilité de continuer leur formation. Mots clé : Enseignement Moyen, Enseignement Supérieur; Démocratisation.

Introdução Ao longo do século XX, a noção de juventude ganhou maior visibilidade nas investigações particularmente aquelas desenvolvidas por pesquisadores das Ciências Sociais e da Educação. Essa multiplicação de análises, ancoradas em diferentes recortes teórico-metodológicos, sobre questões relacionadas à juventude, parece guardar certa vinculação com os desdobramentos produzidos pelas transformações sociopolíticas mais amplas que afetam transversalmente espaços

de socialização cujos papéis mostravam-se, até então, claramente delineados, tais como a família, a escola e o trabalho. Dito de outra forma: tratar dos desafios e perspectivas da juventude contemporânea significa tratar dos processos de escolarização básica, do acesso ao ensino superior, da inserção no mercado de trabalho, da violência, enfim, de metabolismos múltiplos de desigualdade social, matrizes de seletividade e mobilidade socioeconômica. Em verdade, enfrentar as questões postas pelo debate atual sobre juventude implica fortalecer a crítica a pressupostos que tendem a naturalizar essa categoria, o que indica a insuficiência de abordagens assentadas simplesmente em critérios cronológicos. Simultaneamente, categorizar “juventude” é tarefa complexa se consideramos que se trata de arbitrários culturais socialmente elaborados a definir em que dado momento, e mediante quais rituais de passagem, é possível transpor uma etapa da vida em direção a outra. Assim, não há como negar que, em espaços-tempos distintos, são múltiplas as juventudes: “São muitas as juventudes e entre elas sempre há territórios de resistências por força da criatividade [...]” (NOVAES e VANUCCHI, 2004, p. 11). Antes definida a partir de padrões etários, hoje ela se refere principalmente ao período “[...] marcado por ambivalências, pela convivência contraditória de elementos de emancipação e subordinação, sempre em choque e negociação.” (NOVAES e VANUCCHI, 2004, P.12), durante o qual o sujeito elabora seu próprio amadurecimento. A esse respeito Pais (1990, p. 140)[i] nos adverte:

a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma ‘unidade social’, um grupo dotado de ‘interesses comuns’ e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. De fato, os jovens, em geral, são tomados nas representações de juventude como um todo homogêneo que compartilha as mesmas situações, expectativas, desejos e problemas. Em que pese a existência de similaridades relativas, é inegável que há diferenças sociais entre eles, o que nos permitiria adotar o termo “juventudes”. Entre similaridades e diferenças situa-se, igualmente, o que se convencionou chamar de “problemas dos jovens” (arranjar um emprego, enfrentar o vestibular, escolher uma profissão, as drogas, a relação com a família, o sexo, etc.), ainda que estes últimos em nada possam ser considerados como um conjunto homogêneo e mesmo que, não se saiba com clareza o que as juventudes encaram como problemas. Apesar disso, podemos dizer que as juventudes enfrentam esses “problemas de jovens” de maneira igualmente heterogênea. É dentro dessa configuração complexa que nos interessa focar, dentre as múltiplas juventudes, um grupo social em particular: os jovens de origem popular, e um “problema” específico no campo dos debates da

sociologia da juventude e da educação, qual seja o do acesso desses jovens ao ensino superior. Isso significa refletir sobre o caminho percorrido entre o ensino médio e o ensino superior, entre o curso médio na escola pública, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a universidade. Seguramente, esse caminho não se inicia no momento em que ocorre o ingresso no nível médio, mas se inscreve em toda a trajetória socioeducacional que o antecede, ainda que o ensino médio seja identificado, em geral, como a ante-sala do vestibular, estágio crucial para o ingresso na universidade. Além disso, as intensas e múltiplas mutações sociais que marcam a contemporaneidade, comumente chamadas de globalização, têm influenciado nos padrões educacionais tornando indispensáveis níveis mais elevados de escolarização de modo tal que o certificado de conclusão do ensino médio tornou-se pré-requisito indispensável para quase todas as funções produtivas. Diante desse cenário, privilegiamos em nossa investigação o grupo social composto por jovens de classes populares (poderíamos dizer "jovens pobres"), oriundos de famílias que convivem com limitados níveis de escolarização, baixo padrão de renda, vinculados a ocupações que exigem baixos níveis de qualificação, residentes em bairros periféricos e/ou em cidades afastadas da capital, enfim, longe de deterem a herança do capital econômico e cultural dominante (BOURDIEU, 2001). Para esse grupo, a passagem pelo ensino médio em escolas públicas é um traço relevante não só como um dos elementos que compõe seu perfil numa ótica quantitativa, mas, sobretudo, em virtude do que significa ser um egresso da escola pública quando tornar-se estudante universitário é parte dos seus planos de vida. Como, então, esses jovens, parte de uma tão ampla constelação de estatísticas dos deserdados[ii] que indicam o improvável ingresso dessa população no ensino superior público, contradizem esses prognósticos[iii]?

Se voltarmos aos estudos de Willis (1991) e Boudon (1981) observaremos a importância de compreender alguns aspectos das experiências escolares dos jovens oriundos das classes populares tais como o papel da história familiar, dos amigos, parentes e vizinhos. Para esses autores, o valor atribuído por esses jovens à educação e, por conseguinte, ao prolongamento da escolarização formal, resulta da combinação instável entre os riscos e benefícios frente à trajetória escolar e profissional daqueles que lhes são mais próximos. Não podemos, de fato, esquecer que, em geral, esses jovens

carregam uma história familiar de escolarização incompleta, precária e fragmentada que poderia favorecer entre eles certa resistência à cultura escolar e baixa valorização da educação, fato esse que, a nosso ver, se constitui numa frágil explicação para as dificuldades que enfrentam para o ingresso no ensino superior. Portanto, atravessar o tortuoso caminho do ensino médio público em direção ao ensino superior público significa, para essa população, lidar com as desigualdades socioeducacionais que se evidenciam nessa transição. Assim, nosso artigo se insere nesse campo de discussão tomando como matéria-prima para as análises dados coletados ao longo de 2013 e 2014 junto a estudantes do ensino médio público na região sul da Bahia (litoral sul e extremo sul). O interesse por esse campo empírico justifica-se pelo processo de implantação da UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia) alterando o cenário da oferta de ensino superior público (federal) nessa região. A UFSB iniciou suas atividades em setembro de 2014. Antes de seu efetivo funcionamento mediante o ingresso das primeiras turmas de estudantes, realizamos[iv] uma extensa pesquisa junto a estudantes do 3º ano do ensino médio da rede pública de ensino da região, visando analisar os impactos que a instalação de uma nova instituição de ensino superior poderia produzir junto a essa população. O foco estava em identificar se esses alunos estariam mobilizados a ingressar numa universidade e quais seriam os objetivos perseguidos frente a possibilidade de dar continuidade a escolarização para além da educação básica. Para esse estudo utilizamos um questionário composto, basicamente, por questões fechadas e entrevistas de longa duração. Apresentaremos aqui parte dos resultados obtidos com base, apenas, em dados advindos de aproximadamente 1200 questionários validados ao longo da pesquisa que envolveu 23 diferentes cidades do sul da Bahia atingindo 24 escolas públicas da rede estadual de ensino no raio de amplitude de atuação da UFSB. Esse campo de investigação foi delimitado em função da própria estrutura da UFSB que se caracteriza como instituição *multicampi* com polos em 3 cidades do interior do Estado da Bahia: Itabuna, Porto Seguro e Teixeira de Freitas. A área de abrangência da UFSB se amplia para além dos *campis* através de uma rede de Colégios Universitários (Rede de Colégios Universitários Anísio Teixeira – Rede CUNI) localizados em pequenas cidades, com mais de 20 mil habitantes, no entorno das cidades-campi.

Para que estudar na universidade afinal?

A partir dos dados depreendidos dos questionários obtivemos o perfil geral dos alunos matriculados no 3º ano do Ensino Médio da rede pública do sul da Bahia: quanto ao sexo 60% mulheres e 40% homens; quanto a idade 63% tinham entre 17 e 19 anos[v]; 79% estavam solteiros; para cor da pele obtivemos, a partir da auto identificação, 57% pardos e 23% pretos; 58% eram sustentados por suas famílias e 19% trabalhava sem carteira assinada; 84% cursou integralmente o ensino fundamental em escolas públicas assim como 92% cursou a totalidade do ensino médio na rede pública de ensino; 61% estava inscrito no ENEM 2013; 53% declaram ser beneficiados pelo Programa do governo federal Bolsa Família (TEIXEIRA; COULON, 2015). A proximidade da conclusão do Ensino Médio tende, na maioria dos casos, a colocar na ordem do dia a questão dos projetos de futuro ao final dessa etapa da escolarização. Em geral, desde que não haja uma considerável defasagem idade/série motivada por situações de abandono/evasão da escola, reprovações, problemas familiares etc., o aluno concluinte da educação básica se encontra na faixa etária dos 18 a 19 anos. Quanto a esse aspecto, como vimos no perfil geral dos envolvidos na pesquisa 63% dos alunos matriculados no 3º ano do ensino médio se encontrava entre 17 e 19 anos independente do turno em que estavam matriculados, indicando a proporção reduzida de defasem idade/série. É compreensível, portanto, que esses jovens se interroguem sobre a continuidade ou não dos estudos em direção ao ingresso no ensino superior ou mesmo em direção a um curso técnico, bem como sobre conseguir ou mudar de trabalho, ir embora da cidade em que vivem, casar ou não, ter filhos ou não, enfim um conjunto de questionamentos que marcam esse momento em que se entrecruzam inúmeras certezas, incertezas, possibilidades, dificuldades e hesitações. Nesse panorama ao interrogarmos sobre o desejo de tornar-se estudante universitário a perspectiva de dar continuidade aos estudos se evidenciou entre 73% dos jovens que afirmaram almejar o ingresso no ensino superior. Apenas 15% registrou dúvidas acerca desse projeto, 6% não soube responder, indicando, provavelmente, o quanto um projeto dessa natureza estaria distante das possibilidades consideradas mais evidentes e plausíveis. Apenas 3% indicou não ter o desejo de tornar-se universitário percentual que se repetiu entre aqueles que não respondeu. Se considerarmos a variável sexo veremos que o desejo de ingressar na universidade é mais frequente entre as mulheres

com cerca de 82% contra aproximadamente 64% dos homens. **Quadro 1.**

Desejo de ingressar no ensino superior conforme sexo

	Sim (%)	Não (%)	Talvez (%)	Não sei (%)	Total
Mulheres	81,8	2,5	12,3	3,4	100,0
Homens	63,6	4,9	21,0	10,5	100,0
Total	74,7	3,5	15,7	6,1	100,0

Khi²=52,1 ddl=3 p=0,001 (Très significatif) V de Cramer=0,212[vi]. Fonte: questionários Sobre o tipo de universidade em que teriam mais possibilidades de conquistar uma vaga encontramos que 46% indica a universidade pública, enquanto 26% registra a universidade particular inclusive por considerar que é muito difícil obter uma vaga numa instituição pública. **Quadro 2. Dificuldades**

indicadas pelos alunos caso obtivessem uma vaga na universidade conforme o sexo

	Mulheres	Homens	Total
Nenhuma dificuldade	2,1	4,6	3,1
Custos transporte e moradia	32,3	38,0	34,5
Entender conteúdos e professores	11,3	10,6	11,0
Superar as lacunas deixadas pelo Ensino Médio	9,7	11,4	10,4
Ter boas notas	7,0	5,6	6,5
Ter boas notas nas matérias de cálculos	10,4	6,5	9,0
Dificuldades com expressão escrita e oral	14,4	12,8	13,8
Conciliar estudo e trabalho	9,6	7,8	9,0
Conciliar estudo e vida social	3,1	2,5	2,9
Total	100,0	100,0	100,0

Khi²=39,8 ddl=8 p=0,001 (muito significativo) V de Cramer=0,118. Fonte: questionários Apesar do relevante desejo de ingressar no ensino superior, público em especial, as dificuldades a serem enfrentadas ganham espaço nas preocupações dos alunos como podemos observar no quadro acima. A natureza dessas preocupações é indicada em conformidade com o sexo e podemos observar que as inquietações vinculadas aos aspectos financeiros (custos) aparecem de forma mais acentuadas entre os homens apesar de também expressiva entre as mulheres. Por outro lado, o domínio da língua portuguesa em suas expressões escrita e oral figura como a segunda maior preocupação entre homens e mulheres. Já os aspectos cognitivos relacionados a compreensão de conteúdos disciplinares e da linguagem dos professores são apreensões que se apresentam em proporções semelhantes para meninos (10,6%) e meninas (11,3%). Enfrentar as disciplinas vinculadas às ciências exatas (cálculos, formulas) é fator de preocupação maior entre as meninas enquanto os meninos parecem mais otimistas frente a uma possível condição de estudante universitário ao sinalizar para a ausência de dificuldades (4,6%). Se nos debruçarmos sobre o conjunto das preocupações que ganham ênfase no quadro acima observamos que as aflições advindas dos aspectos financeiros podem ser facilmente entendidas quando confrontadas com o perfil geral dos alunos pesquisados: 60% se auto identifica como classe média baixa ou pobre. Além disso, as inquietações quanto ao domínio da língua portuguesa (expressão escrita e

oral), compreensão de conteúdos disciplinares, compreensão da linguagem utilizada pelos professores indicam as tensões produzidas diante da possibilidade de ingressar no ensino superior. Tal como nos indica Coulon (2008) tornar-se um universitário significa entrar num universo cognitivo e intelectual mais complexo que demanda ferramentas basilares, nem sempre constituídas ao longo da educação básica, do que resulta a preocupação em superar as lacunas do ensino médio. Tendo em conta o panorama das dificuldades indicadas pelos alunos indagamos sobre o que seria necessário para ter sucesso numa futura condição de estudante universitário[vii]. O quadro abaixo expressa o resultado encontrado quando consideramos a variável sexo. **Quadro**

3. O que seria necessário para ter sucesso na vida universitária segundo sexo

	Mulheres	Homens	Total
Estudar muito	26,8	32,1	28,8
Dedicação e compromisso	23,2	24,9	23,9
Responsabilidade e determinação	22,4	15,1	19,6
Força de vontade	17,3	17,0	17,2
Saber se relacionar com os professores e colegas	2,2	2,9	2,5
Dominar os conteúdos estudados no Ensino Médio	1,8	1,3	1,6
Organizar bem o tempo	2,3	3,3	2,7
Saber se comunicar	1,4	1,1	1,3
Estabilidade financeira	1,4	1,5	1,4
Ter uma vida familiar equilibrada	1,1	0,9	1,0
Total	100,0	100,0	100,0

$\chi^2=23,4$ $ddl=9$ $p=0,005$ (muito significativo) V de Cramer= $0,105$. Fonte: questionários Quando observamos o universo pesquisado não nos parece completamente surpreendente a relevância dos aspectos relacionados ao engajamento pessoal para conquistar sucesso na vida universitária: 62,9% das mulheres e 57% dos homens indicam que compromisso, força de vontade, responsabilidade são ingredientes indispensáveis para atingir esse objetivo. Assim, a necessidade de 'estudar muito' aparece de forma acentuada entre homens e mulheres. Estudar não é suficiente, é preciso fazê-lo de forma intensificada para superar as lacunas deixadas na formação obtida no Ensino Médio público (quadro 1), para evidenciar que se é capaz de compreender e acompanhar os conteúdos disciplinares, ter boas notas, reconhecimento explícito e formal de um desempenho escolar/acadêmico exitoso. Enfim, 'estudar muito' é também uma tentativa de se auto referir positivamente, de provar para si mesmo o quanto se é capaz e, portanto, merecedor de uma vaga no ensino superior. A importância e valorização atribuída a formação universitária evidencia a identificação da educação como fator de mobilidade e ascensão social tanto mais valorizado e mesmo via única para aqueles que são originários das camadas populares. Junte-se a isso o fato desses jovens serem, frequentemente, os primeiros de suas famílias a concluírem o ensino médio tal como os dados de escolaridade de pais e mães pode nos revelar. **Quadro 4.**

Impacto produzido pela obtenção de um diploma universitário segundo sexo

Mulheres Homens Total

Conseguir bom emprego/Emprego melhor/Oportunidades no mercado de trabalho	45,6	53,0	48,3
Reconhecimento, orgulho, auto estima	13,9	10,9	12,8
Mais oportunidades no futuro em geral	4,9	5,2	5,0
Mais qualidade de vida	9,0	5,2	7,7
Salário/financeiro	8,3	8,2	8,3
Ajudar família	5,7	3,6	4,9
Conquista de sonho	4,2	3,1	3,8
Ter profissão/ser bom profissional	4,2	4,0	4,1
Impacto positivo em geral	4,2	6,7	5,1
Total	100,0	100,0	100,0

Khi²=19,1 ddl=8 p=0,015 (muito significativo) V de Cramer=0,1. Fonte: questionários Os dados acima revelam a força que a conquista de um diploma pode ter na vida dos alunos pesquisados. A relação estabelecida de forma direta entre maiores níveis de escolarização e inserção no mercado de trabalho mediante obtenção de postos de trabalho melhor remunerados, mais qualificados e estáveis é visível entre mulheres e homens apesar da maior incidência entre esses últimos. É certo que maior escolarização tende a possibilitar acesso a empregos melhores, entretanto a relação direta entre esses dois fatores mostra-se consideravelmente fluida na sociedade contemporânea ainda que mantenha sua força na perspectiva do senso comum. Independente desse aspecto que indica, ao mesmo tempo, a busca por uma situação melhor do que aquela da família de origem, bem como contribuir para que essa mesma família possa ascender a padrões mais elevados de qualidade de vida, aspecto mais incidente entre as mulheres, a demanda por reconhecimento social ganha espaço nas respostas de ambos os sexos: tanto para homens (10,9%) como para mulheres (13,9%) a questão do olhar do(s) outro(s) revela-se nas referências ao orgulho e a autoestima, na possibilidade de provar a si mesmo, aos outros e à sociedade que a despeito de todas as lacunas herdadas e produzidas ao longo da trajetória social e escolar, também, são capazes de conquistar um diploma universitário. **Algumas notas para concluir** Os desafios em reverter as desigualdades sociais e regionais de acesso ao conhecimento parecem evidentes. Incluir 'novas' populações no ensino superior mostra-se em si mesmo um desses desafios que se entrecruza com a transição entre ensino médio e ensino superior, e seus desdobramentos sobre o percurso acadêmico. Parte dessa 'nova' população que ingressa no ensino superior encontra-se representada nessa pesquisa: egressos do ensino médio público aos quais diferentes programas e políticas governamentais procuram favorecer percursos escolares mais longos e de melhor qualidade formativa, geral e específica. Os dados obtidos pela pesquisa nos indica que esses jovens tem os olhares voltados para o ensino superior, 73% dentre eles desejam obter uma formação universitária em que pese o fato de que 46% provem de famílias em que nenhum de seus membros possui um diploma universitário. A busca pela universidade pública é intensa: 46% dos alunos manifesta o desejo claro de ingresso no ensino superior público, mesmo que as informações sobre as modalidades de ingresso e as formações oferecidas não sejam claras e de

fácil obtenção. Ainda assim a escola de ensino médio pública, os professores, funcionam como subsidio para obtenção de elementos que possam indicar possibilidades de prolongamento dos estudos. Vale observar que esse papel importante da escola de ensino médio e seus professores merece ser ponto de reflexão sobre o engajamento da UFSB em direção a educação básica. A forte dissociação entre ensino médio/educação básica e ensino superior, que produz impactos mais perversos sobre os jovens alunos do secundário público, mostra-se, em si mesmo, exemplo das desigualdades do sistema de ensino brasileiro. O acesso a informação de boa qualidade sobre os múltiplos programas do governo federal a exemplo do PROUNI (Programa Universidade para Todos), FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), sobre os parâmetros de avaliação do ENEM e sobre a lógica de funcionamento do SISU evidenciam-se como ferramentas importantes ao processo de inclusão dos egressos da escola pública do sul da Bahia e mesmo do Brasil. Assim, a diversificação do perfil do estudante universitário, movimento em curso, indica as atuais interrogações impostas à universidade brasileira num cenário em que o papel social dessa instituição é objeto de reflexão diante de uma sociedade que exige outros parâmetros de formação. A confluência desses elementos desenha um contexto em que a presença mesma dos egressos do ensino médio público funciona como aspecto emblemático das inflexões contemporâneas sobre o ensino superior que inclui a democratização da universidade brasileira.

Referências Bibliográficas: BOUDON, R. A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais. Brasília: Editora UnB, 1981. BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de Educação*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001. COULON, Alain. *A Condição de Estudante - A entrada na vida universitária*. Tradução: Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria da Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008. ELIAS, N; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. FILHO, N. de A.; GUIMARÃES, Joana; BRAGA, Clarissa Bittencourt de Pinho e... [et al.] *Plano orientador institucional e político-pedagógico da Universidade Federal do Sul da Bahia : minuta 6.0 / Universidade Federal da Bahia, Salvador : UFBA, 2012. INEP/MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. Sinopses estatísticas de educação superior 2011.*

Disponível em:

< <http://>

portal.inep.gov.br

[/superior-censosuperior-sinopse](http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse)>. Acesso em 4 out. 2014. MEC/INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. *Sinopses estatísticas de educação superior 2013.*

Disponível em:

< http://

portal.inep.gov.br

/superior-censosuperior-sinopse>. Acesso em 4 out. 2014. MEC/INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Ministério da Educação. *Censo da educação Superior 2013*. Disponível em :< http://

download.inep.gov.br

/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf

>. Acesso em 4 out. 2014. NOVAES, R.; VANUCCHI (org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. SCHWARTZ, Yves. *Expérience et connaissance du travail*. Paris, Ed. Sociales, 1988. SCHWARTZ, Yves. Travail et usage de soi. In : BERTRAND, M. (et alii.). *Je, Sur l'Individualité*. Paris, Messidor. 1987. SHIROMA, E.; MORAES, M. C.; EVANGELISTA, O. *Política educacional*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. TEIXEIRA, A.; COULON, A. Interiorização do ensino superior público e afiliação: e se eu conseguir uma vaga, como é que vai ser?

In: SAMPAIO, S. M. R.; e SANTOS, G. G.. (Org.). *Observatório da Vida Estudantil. Avaliação e qualidade do ensino superior: como formar e para que mundo?*

Salvador: EDUFBA, 2015. VIANA, M. J. Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: Algumas condições de possibilidade. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir (Orgs.). *Família e escola: trajetórias da escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, vozes, 2000, p. 45-60. WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

[1] O autor refere-se a BOURDIEU, 1980. [1] Poderíamos igualmente refletir sobre a condição de deserdados considerando as contribuições de Elias; Scotson (2000) sobre outsiders e estabelecidos. [1] Registramos aqui nossa inspiração nos trabalhos de Jean-Pierre Terrail, em especial, *Destins ouvriers: la fin d'une classe?*

Paris: Presses Universitaires de France, 1990. [1] Participaram da equipe de pesquisa a Profa. Dra.

Cristina Larrea (Universidade de Barcelona) e o Prof. Dr. Alain Coulon (Universidade de Paris 8) [1]

Cerca de 10,7% dos alunos que tinham mais de 28 anos estavam concentrados no ensino noturno.

[1] Para cada um dos quadros o cálculo do teste de correlação Khi2 foi realizado. As diferenças entre mulheres e homens são muito significativas no plano estatístico. Assim, para respeitar os limites desse artigo tomamos a variável sexo como referência das análises. A análise global dos dados será objeto de uma outra publicação. [1] Para esse item foi elaborada uma questão de múltipla escolha indicando a possibilidade de selecionar até 2 alternativas. Obtivemos um total de 2186 respostas em 1209 questionários.

*Ana Maria Freitas Teixeira (autora): Professora Associada da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (UFRB/CECULT). Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Formação Geral (NUVEM). Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) e Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMA) da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora do Grupo Educação e Contemporaneidade (EduCon). E-mail: ana.f.teixeira@hotmail.com
. Pesquisa financiada pela Fundação Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Recebido em: 06/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: